Obtenção da paz em Moçambique sem assentar no uso da força

- refere Joaquim Chissano

A obtenção da paz em Moçambique não deve pôsem causa a independência nacional nem assentar no uso da força, afirmou quarta-feira em Maputo o presidente Joaquimo Chissano.

O chefe de Estado referiu que os «doze princípiosapresentados à Renamo em Agosto, como prérequisito para o estabelecimento de um diálogo, permanecem válidos e «devem ser respeitados porque correspondem a um sentimento unânime do povo mocambicano».

Chissano falava na cerimónia de abertura de uma reunião do comité central do partido da Frelimo, perante 141 delegados que até sábado analisaram e aprovaram o regulamento

disciplinar do partido, o plano estatal central e o orçamento geral do Estado para 1990 e, ainda, o relatório da acção do Bureau Político da Frelimo desde a sua entrada em funções, há quatro meses.

Para o chefe de Estado moçambicano, que convidou os seus homólogos zimbabwiano, Robert Mugabe, e queniano, Arap Moi, a desempenharem a função de medianeiros neste processo, o povo quer a paz, mas não a qualquer preço, devendo salvaguarse os principios apontados pelo Governo de Maputo.

OPERAÇÕES EM NOVEMBRO

Tropas moçambicanas

abateram 100 rebeldes, capturaram oite e apreenderam 71 armas ligeiras durante operações realizadas em Novembro, em vários distritos da província de Inhambane, disse quartafeira à agência Lusa uma fonte militar

O informador, que não referiu o número de baixas sofridas pelas tropas governamentais, acrescentou que estas operações provocaram também a destruição de quatro bases da Renamo localizadas nos distritos de Inharrime e Homoine.

Referiu ainda terem sido apreendidos também 10 rádios transmissores e libertadas 248 pessoas que tinham sido raptadas pelos rebeldes.